



WWW.observatoriogeogoiias.com.br

Publicado originalmente em: Cedido gentilmente pelo autor.

OS CAMINHOS DO TURISMO EM ESPAÇO RURAL GOIANO

Arlete Mendes da Silva

Mestre em Geografia pelo IESA/UFG

Docente da UEG e Secretaria Municipal de Educação.

19arlete@bol.com.br

Resumo: O turismo é um fenômeno social que muito tem crescido nas últimas décadas. Em sua modalidade rural, é concebido como uma apropriação do espaço rural para atividades turísticas. Estas atividades configuram-se no campo trazendo transformações naturais, espaciais e culturais, e também permitem a abordagem geográfica na compreensão de mecanismos processuais deste segmento turístico. Atenta-se para o uso e modificações advindos dessa prática turística nos espaços e paisagens rurais. No Estado de Goiás, essa prática turística é recente e carece de investigação científica para o conhecimento processual de suas várias *fácies*.

Palavras -chave: turismo; espaço rural; paisagem.

O Brasil participa, há pouco mais de duas décadas, da abertura do campo para atividades ligadas ao turismo, principalmente na região Sul e Sudeste. O Estado de Goiás também experimenta essa dinamização do turismo rural que ocorre em diversas áreas rurais do país. Alguns aspectos merecem destaque nessa discussão: a classificação oficial para áreas rurais e urbanas; fatores espaciais e históricos existentes no Estado de Goiás, que favorecem a atividade de turismo rural; características regionais na promoção e desenvolvimento dessa prática turística e, por fim, um delineamento da Região Metropolitana de Goiânia, área *core* das observações empíricas.

O espaço rural, por suas condições atuais, possui caráter híbrido. Torna-se pouco clara sua identificação, baseando-se na classificação de áreas rurais e urbanas oficiais. A proposta de regionalização (IBGE/1996) do espaço urbano/rural normatiza que

Zona Rural: área externa ao perímetro urbano, inclusive as áreas de aglomerado rural. Aglomerado rural: toda a

localidade situada em área legalmente definida como rural, caracterizada por um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando área continuamente construída, com arruamentos reconhecíveis ou dispostos ao longo de uma via de comunicação (*Ibidem*, 1996: 24).

Lacunas existem no sistema de definição oficial para áreas urbanas e rurais. Considera-se área urbana as sedes municipais, as sedes distritais e as áreas urbanas isoladas, ao passo que as áreas rurais são as situadas fora desses limites, incluindo-se os aglomerados rurais. Desse modo, para fins administrativos, o espaço rural corresponderia toda área fora das cidades e sedes municipais.

A questão espacial é de grande relevância nos estudos sociais e ambientais, sobretudo numa perspectiva geográfica. É o que ratifica Santos (1999), quando propõe o estudo do espaço a fim de identificar sua natureza. Pensar sobre a natureza do espaço rural é, dialeticamente, pensar o espaço urbano. A própria urbanização concorre para que o processo de homogeneização espacial não se dê somente em zona urbana. Hoje é difícil distinguir entre o que é urbano e o que rural, devido à crescente demanda técnica, científica e informacional manifesta geograficamente, afirma o mesmo autor.

Para muitos, o espaço rural se restringe essencialmente ao desenvolvimento das atividades agropecuárias e a um estilo de vida peculiar e simples. Este espaço pode ser caracterizado por uma densidade relativamente baixa da população, por usos econômicos peculiares (de dominância agro-silvo-pastoril), por um modo de vida marcado pelas relações sociais com o espaço e uma identidade permeada por representações específicas da cultura rural e pelas atividades agrícolas.

Brandão (1995) nos auxilia a refletir sobre as diferentes percepções do espaço rural quando caracteriza o rurícola¹, sujeito do processo. Para ele, o homem rural em sua propriedade familiar, possui vínculos estreitos relacionados ao lugar, ao seu espaço de vivência e à produção. É nesse espaço do seu cotidiano que o homem rural reproduz, através do trabalho, sua vida no campo e seus símbolos. Nesse sentido, pode-se qualificar este espaço rural como lugar para estes sujeitos. De modo diferente, observa-se uma relação menos íntima com o espaço rural quando os sujeitos são grandes proprietários de terra. Para estes, o espaço rural é visto como substrato físico para atividades produtivas com fins econômicos, sem

vínculos afetivos, culturais e/ou sócio-produtivos. É uma relação capitalista que se desenvolve em espaço rural.

Historicamente, alguns autores destacam o espaço rural entendido por ser '*locus*' da produção agrícola. Outros, já se referem a este espaço - quando da revolução neolítica - marcado pelo começo da agricultura e dos primeiros modos de organização do espaço para a produção agrícola.

Um dos pioneiros entre os pesquisadores a estudar a entrada de atividades não agrícolas no meio rural em algumas regiões do território brasileiro foi Silva (1998 e 2000), que levanta uma série de dados de “novas” atividades produtivas no campo - oscilação da mão-de-obra nas atividades agrícolas e a “urbanização” do meio rural. Esse autor declara que o mundo rural é maior do que o mundo agrícola, dada à expansão de novas modalidades produtivas no meio rural, configurando-se o Novo Rural. “Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um *continuum* do urbano do ponto de vista espacial” [...] (*ibidem*, 2000: 26), consoante a dificuldade de delimitação entre o que é rural e o que é urbano.

As mudanças que têm ocorrido nos espaços rurais são notórias. Mas, a que se deve tudo isso? Parece não haver dúvidas de que, devido às transformações no setor política, econômica e social, é-nos apontada uma nova sociedade em gestação. E, por ela, novos entendimentos e arranjos espaciais são empreendidos. Hoje, as dimensões no estilo e qualidade de vida ganham importância dentro do "status profissional"; as inovações nos setores das comunicações e transportes tornam possível a globalização e mudam completamente as noções relativas criadas pelas distâncias físicas conhecidas.

É evidente a tendência de que as atividades não-agrícolas cada vez mais se constituem em formas alternativas e/ou complementares de geração de renda no meio rural. Atividades ligadas ao lazer e ao turismo, até então consideradas como *hobbies* ou pequenos empreendimentos, transformam-se em negócios rentáveis.

Essas características são facilmente percebidas em países industrializados, em que o agricultor modernizado tem recursos suficientes e tempo para desenvolver outras atividades no campo. A realidade brasileira é diferente, pois há a predominância do pequeno produtor. É comum encontrarmos em todo território nacional pequenos produtores rurais, utilizando

modos de produção tradicional na atividade agropecuária, sendo este seu principal meio de sobrevivência.

Os países que primeiro se industrializaram convivem, há algum tempo, com as novas funções e re-configurações espaciais no âmbito rural. No que tange a atividade turística em espaço rural, o estímulo ideológico empreendido pelo mercado tem servido para o seu desenvolvimento. O cidadão, imbuído de poder aquisitivo é induzido a buscar (comprar) o prazer junto às paisagens naturais, ao contato junto à natureza pouco transformada, ao retorno às antigas formas de produção similar a qualquer mercadoria que precisa ser consumida.

Rodrigues (2000) e Almeida (2002) concordam que, no contexto da produção de espaços turísticos, cria-se a "sacralização da natureza" e/ou da história, materializada no espaço, este privilegiado pelo turismo. Para este fim, elementos naturais e históricos são “vendidos” nestes espaços de uso turístico.

No turismo rural, conforme Benevides (2002, p. 36), [...] “a natureza é fundo e as formas de vida social rural são o foco de reconstituição do cenário cultural ideal para a ‘*integração*’ entre quem hospeda e quem visita” (*grifo nosso*). Não seria essa “*integração*” também entendida por “*comercialização*” dos elementos construtores do espaço rural? Parece-nos difícil desvincular a idéia de comércio da prática turística num contexto capitalista, ainda mais quando se percebe a transformação dos elementos naturais e culturais em produtos turísticos.

Paralela à função mercadológica na prática do turismo, e devido às mudanças trazidas por essa nova forma de concepção do espaço rural, é denotado um fortalecimento na relação cidade- campo. Consolida-se a inter-relação entre esses dois espaços. Verifica-se, apesar da resistência de velhas formas de produção e permanência da cultura rural, a existência de relações de complementaridade, que se caracterizam por uma articulação entre tais espaços, seja na esfera tecnológica, cultural ou produtiva. O espaço rural não só deixa de ser um espaço monofuncional, estritamente ligado às atividades primárias, mas também ligado às novas configurações espaciais do processo de globalização da economia. O meio rural ganhou, por assim dizer, novas funções e novos tipos de ocupações: propiciar lazer, descanso e práticas turísticas; moradia para empreendedores e trabalhadores rurais, função turística além de promover preservação e conservação do meio ambiente humano e natural.

Consoante aos tempos modernos, Almeida (1999a: 91) argumenta que [...] “o turismo rural se refere ao caráter multifuncional do espaço rural contemporâneo onde a agricultura, atividade predominante, divide o espaço com outras funções de ordem econômica e social”. Em se tratando do espaço rural goiano, quais seriam os caminhos trilhados pelo turismo rural? Em que condições preexistentes e atuais têm se estruturado a atividade turística rural nesse Estado?

Para responder essas questões faz-se mister identificar os caminhos percorridos pelo turismo rural goiano nas perspectivas antecedentes e condicionantes dessa prática turística.

Embora historicamente a função rural fosse servir o urbano, tais relações tendem a sofrer modificações, também em espaço rural goiano. Na relação rural-urbano, insere-se o caráter da reciprocidade e complementaridade nas atividades tradicionais exercidas por esses “espaços”.

É nesse cenário de mudança que buscaremos delinear os caminhos do turismo rural em Goiás. Apontar os antecedentes que propiciam o desenvolvimento dessa atividade turística e seus elementos condicionantes é tarefa importante para a compreensão dessa modalidade de turismo no Estado.

A própria história da ocupação do espaço goiano parece-nos um dos condicionantes para o desenvolvimento do turismo rural, uma vez que justifica o perfil da “ruralidade” goiana. Não obstante ser um estado tradicionalmente agrícola, possuidor de reconhecimento nacional na produção de grãos e criação bovina, Goiás reúne condições para experimentar maior crescimento nas atividades turísticas desenvolvidas na região Centro-Oeste. É o aporte histórico goiano auxiliando na compreensão dessa tendência de turistificação do meio rural.

A história de Goiás é permeada por momentos de glórias e desenganos no aspecto sócio-econômico. Esse processo se inicia desde as primeiras explorações datadas do século XVII para o século XVIII pelos bandeirantes paulistas à procura de índios e pedras preciosas. Conforme Palacin (1972) a atividade mineradora em Goiás passa a incorporar-se oficialmente ao território brasileiro. O período aurífero goiano foi breve, mas contribuiu para o aparecimento das primeiras formas de organização e produção espacial, surgimentos dos primeiros aglomerados humanos – os arraiais - por meio dos caminhos feitos pelos tropeiros

tangendo o gado e pela rudimentar atividade comercial. Os mineiros que permaneceram no estado passaram a dedicar-se à pecuária extensiva e à agricultura de subsistência. Essa nova atividade econômica trouxe, conseqüentemente, a expansão da ocupação do território goiano e um aumento populacional devido às correntes migratórias vindas de outros estados, como informa Teixeira Neto (2002).

A exploração e a fixação do homem em terras goianas marca o início do processo de colonização no Centro-oeste (BARREIRA, 2001). Nesse contexto de ocupação e regionalização de Goiás, algumas áreas de maior desenvolvimento econômico ganham importância em detrimento de outras que, afetadas pelas ríspidas condições naturais, já exerciam papel secundário na configuração espacial do estado.

Conforme Waibel (1979) a industrialização no Sudeste e a valorização do extremo oeste do Brasil fez consolidar a necessidade da *Marcha para o Oeste*, defendida pelos governantes, dada à luta pelo desenvolvimento e integração nacional.

Concomitante ao processo de ocupação, apropriação e povoamento do Estado, tomava forma a identidade histórico-cultural do povo goiano. Uma das características mais marcantes dessa formação identitária é manifesta pelo forte vínculo com a terra, evidenciada nos costumes e estilo de vida do campo, atrativo valorizado pelo turismo rural.

A identidade rural goiana tem sua formação desde o processo de [...] “ocupação do território, nos caminhos abertos, antigos e atuais, nas diferentes ‘vocações’ regionais: pecuária leiteira ou de corte, agricultura tradicional ou de exportação”, assim compreendida por Teixeira Neto (2002: 12). Várias obras enaltecem o homem e a natureza rural de Goiás. É fácil nos depararmos com personagens ausentes do seu *lugar*, demonstrando um estado d’alma – saudade, nostalgia – sempre associado a uma visão quase poética da paisagem geográfica goiana e de tudo o que ela abriga. São personagens facilmente encontradas na literatura goiana, criadas por autores como Hugo de Carvalho Ramos, Eli Brasiliense, Bernardo Élis, dentre outros. Por conseguinte, o autor acentua:

podemos reconstituir na memória o que essa geografia, essas paisagens, esses espaços, o cotidiano e o estado d’alma daqueles homens que aqui habitavam e de cuja história somos descendentes e herdeiros [...] (*ibidem*, 2002: 23).

O histórico acerca do povoamento e organização do espaço rural goiano despertou-nos para a reflexão sobre as razões da sociabilidade entre os moradores das áreas rurais de Goiás e a relação que eles mantinham em relação ao espaço e à produção. Bertran (1997) nos auxilia na interpretação dessa ruralidade goiana, comentando que

[...] nada era urgente ou inadiável a não ser libertar o tempo para o ócio, para as inumeráveis festas do campo ou do arraial – a sociabilidade do tempo – para pescarias, caçadas, enfim, numa palavra, para o exercício dos prazeres de uma vida simples (*idem*, 1997: 13).

Poderia o autor estar fazendo alusão às hodiernas motivações que têm levado as pessoas a se deslocarem por áreas rurais em busca, talvez, desses tempos e espaços idos, que a atividade de turismo rural busca proporcionar? Cremos que isso seja possível.

Por outro lado, a própria dinâmica do turismo propõe uma lógica espacial em que, *a priori*, espaços sejam concebidos para serem “espaço de ócio”. Entretanto, para o homem do campo esses espaços são, simultaneamente, “espaço de produção”, conforme expressa Nicolás (1996), isto é, espaços de trabalho e não-trabalho. Verifica-se a possibilidade de atratividade por processos produtivos diferentes daqueles vivenciados, tradicionalmente, pelos turistas.

É sabido, em dias atuais, sobre a co-existência entre agropecuária moderna e a agricultura de subsistência. Estas dividem espaço com um conjunto de atividades ligadas ao lazerⁱⁱ, prestação de serviços, indústrias e turismo. Em Goiás, podem ser encontradas diversas atividades não-agrícolas no campo, desde atividades simples (de fundo de quintal) e/ou *hobbies* pessoais a pequenos negócios agropecuários intensivos (piscicultura, horticultura, floricultura, fruticultura de mesa, criação de pequenos animais etc.). Transformadas em importantes alternativas de emprego e renda no meio rural, essas atividades, antes dispersas e pouco valorizadas, passaram a integrar verdadeiras cadeias produtivas. São processos de transformações agro-industriais, serviços pessoais e produtivos relativamente complexos e sofisticados nos ramos da distribuição, comunicações e embalagens. Em muitos casos, a estrutura administrativa é familiar. Muitas fazendas no Estado de Goiás podem ser identificadas com essas novas funções rurais – a re-funcionalização do campo. As mesmas se

destacam na produção e venda de doces, de compotas, de vinhos, de licores, de artesanato em madeira e tecidos, entre outros produtos de origem rural.

Tradicionalmente, o campo é lugar onde ainda se extraem riquezas, criam-se novas possibilidades de produção e consumo além de configurar em áreas de reservas. Em dias atuais, o espaço rural é este híbrido mistificado pelo lugar onde as necessidades urbanas buscam favorecimentos não só econômicos, mas também sociais, culturais e até espirituais. Assim, o [...] “mercado turístico em meio rural, pouco denso e disperso no tempo e no espaço, figura como complemento de negócio, importante, mas não determinante”, salienta Cavaco (2000: 91).

Concomitante aos fatores antecedentes ao aproveitamento do espaço rural goiano para fins turísticos tem-se os condicionantes que norteiam essa prática turística. De início, observa-se a característica morfológica e fito-biogeográficaⁱⁱⁱ do cerrado goiano paralelo às condições humanas (e culturais). São elementos físico-naturais do espaço rural goiano favorável e que contribuem, em boa medida, para o processo de desenvolvimento do turismo.

Corrêa (2001) nos apresenta, por exemplo, sob o olhar científico de Castelnau, o êxtase do pesquisador diante dos aspectos naturais de nossa região: “a paisagem era cheia de encantos; de todos os lados campos floridos, interrompidos a espaços por estreitas faixas de matas” [...] (*idem*, 1949 *apud* CORREIA, 2001: 99-100). Esta fisionomia de Goiás se dá inerente ao bioma cerrado no denominado Planalto Central Brasileiro, onde predomina um relevo constituído de superfícies aplainadas, talhadas em estruturas cristalinas e sedimentares, situadas em altitudes que oscilam entre 400 e 1000m. O cerrado possui solos antigos, profundos e bem drenados. O clima é estacional, com duas estações bem definidas: seca e úmida. A precipitação média anual é de 1500mm, com grandes variações intra-regionais.

À guisa de conclusão, salienta-se que o Estado de Goiás é depositário de uma biodiversidade de riqueza incomensurável pela sua vasta extensão territorial, posição geográfica, heterogeneidade vegetal, e por ser cortado pelas três maiores bacias hidrográficas da América do Sul. A composição biótica do Cerrado que hoje se conhece nunca foi estática e resulta de mecanismo processual contínuo e altamente dependente da evolução geológica do sistema. A flora do Cerrado é considerada a mais rica dentre as savanas do mundo. Estima-se que possa alcançar entre 4 e 10 mil espécies de plantas vasculares, superior ao de grande parte de outras floras mundiais. Muitas dessas espécies são utilizadas localmente na alimentação,

medicina, produção de cortiça, fibras, óleos, artesanato e decoração. Há diferentes formações vegetais no cerrado, distribuídas em todo o território goiano, as florestais, as savânicas e as campestres com várias fitofisionomias denominadas de Cerrado, Cerradão, Mata de Galeria, Campo, Veredas, entre outras, informa a Agência Ambiental de Goiás (2001).

A conservação dessa biodiversidade do cerrado deve estar inserida no planejamento desenvolvimentista nacional e regional sendo prioridades: estabelecer a capacidade de suporte populacional do meio ambiente; manter a integridade dos ecossistemas; promover a conservação e utilização sustentável dos recursos biológicos; impedir a poluição, minimizando ou cessando a descarga de materiais tóxicos no ar, água e terra; mobilização de segmentos da sociedade, entre os quais o setor de turismo, agricultura, pesca comercial, saúde pública, industrial e familiar.

Desse modo, acreditamos que a atividade de turismo rural possa somar forças à necessidade de conservação e desenvolvimento nos cerrados de Goiás. O turismo pode elevar a valorização dos elementos naturais existentes em áreas rurais goianas, contribuindo para sua manutenção e preservação no interior das propriedades rurais. Além dos qualitativos naturais, diversas áreas rurais goianas conservam o estilo arquitetônico de antigas construções e mantêm processos produtivos tradicionais, tornando-se importantes atrativos turísticos. É o “novo” coexistindo com o “velho” facilmente encontrados em propriedades rurais goianas e que podem ser mais bem aproveitados na atividade de turismo rural.

Notas

ⁱ Fazemos uso da expressão rurícola para designar os sujeitos do lugar rural, moradores e trabalhadores rurais.

ⁱⁱ As atividades de lazer em espaço rural possuem conotação histórica desde antigos “caipiras” aos trabalhadores do campo hoje. O lazer estava ingressando na cultura caipira que funcionava como equilíbrio biossocial. Parte integrante da cultura caipira, as atividades de lazer podiam ser vistas em cooperações com a vizinhança (mutirões), festas, celebrações e na lida diária como a caça, pesca, coleta, artesanato e outros ramos no setor da cultura material (CANDIDO, 1982).

ⁱⁱⁱ Características fitogeográficas diz respeito ao conjunto de paisagens vegetais semelhantes; características biogeográficas abrange aspectos físicos como relevo, clima, flora e fauna diversificadas e interdependentes, conforme informação do Sistema Biogeográfico do Cerrado (BARBOSA, 1996).

Referências Bibliográficas

- AGÊNCIA AMBIENTAL DE GOIÁS. **Estado ambiental de Goiás:2001**. Agência Ambiental de Goiás. Fundação CEBRAC. Goiânia, 2001.
- ALMEIDA, Joaquim Anécio. **Turismo Rural: uma estratégia de desenvolvimento via serviços**. In: OLIVEIRA, Cássio G. de Souza et. al. (Org.s) Turismo no espaço rural brasileiro. Anais do I Congresso Brasileiro de Turismo Rural. FEALQ. São Paulo, 1999.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. **Políticas públicas e delineamentos do espaço turístico goiano** in: ALMEIDA, M. G. (Org.) Abordagens Geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade. IESA / UFG. Goiânia, 2002.
- BARBOSA, Altair Sales. **Sistema Biogeográfico do Cerrado – Alguns elementos para sua caracterização**. UCG. Goiânia, 1996.
- BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. **A ocupação do território goiano**. Texto de apoio na disciplina Ambiente e ocupação da região de cerrado. Iº semestre - (mimeo) UFG. 2001.
- BENEVIDES, Ireleno Porto. **Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local** in: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo – Desenvolvimento Local. Hucitec. São Paulo, 2002.
- BERTRAN, Paulo. **O olhar alheio e o próprio umbigo**. In: CHAUL, Nasr N. Fayad (Org.) Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia. Ed. Da UFG/Ed. Da UCG, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional** in: MESQUITA & BRANDÃO (Org.s) Territórios do Cotidiano: Uma introdução a novos olhares e experiências. UFRGS. Universidade de Santa Cruz do Sul / UNISC. Porto Alegre – Rio Grande do Sul, 1995.
- BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Diretrizes para Regionalização do espaço urbano e rural**. Mimeo. Brasília, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito**. Coleção: Documentos brasileiros. Livraria J. Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1982.
- CAVACO, Carminda. **Turismo Rural E Desenvolvimento Local** In: RODRIGUES, A. B. Turismo e Geografia – Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais. Hucitec. São Paulo, 2001.
- CORREIA, Margarida Maria da Silva. **Naturalistas e Viajantes estrangeiros em Goiás (1800 – 1850)** in: CHAUL, Nasr Fayad e RIBEIRO, Paulo R. (Org.s) Goiás – Identidade, Paisagem e Tradição. Ed. UCG. Goiânia, 2001.
- NICOLÁS, Daniel H. **Elementos para um análisis sociogeográfico del turismo**. In: PALACIN, Luís. **História de Goiás**. Goiânia. UFG. 1972
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo Eco – Rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural** in: ALMEIDA, Joaquim A.; FROEHLICH, José M.; RIEDL, Mário (Org.s) Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Papirus Editora. São Paulo, 2000.
- _____. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. Hucitec. São Paulo, 1996.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. Hucitec. São Paulo, 1999.
- SEBRAE & GRUPO NATIVA. **Relatório da Pesquisa com clientes dos diagnósticos turísticos rurais do Sebrae/GO**. Grupo Nativa. Goiânia. Agosto/2000.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro – As novas atividades no meio rural.** Pesquisas Unicamp. Mimeo. São Paulo, 1998.

_____. **O novo rural brasileiro.** Pesquisa Fapesp. Mimeo. São Paulo, 2000.

TEIXEIRA NETO, Antonio. **O território goiano: formação e processo de povoamento e urbanização** in: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) **Abordagens Geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade.** Iesa / UFG. Goiânia, 2002.

WAIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil** – IBGE. Rio de Janeiro, 1979.